



Jornalismo e as minimídias digitais: mobilidade, tecnologia e redes sem fio¹

Nadja Carvalho²
Mercicleide Ramos³

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Palavras como mobilidade, mídias móveis, conectividade e redes sem fio, fazem parte do atual cenário da comunicação e provocam mudanças na rotina, produção e veiculação da notícia que é produzida em movimento. A proposta é analisar reportagens produzidas através das minimídias digitais, uma delas refere-se a um incêndio ocorrido em uma fábrica de produtos químicos, em São Paulo, do Projeto Band Repórter Celular (2009), da TV Bandeirantes. A segunda intitulada de “Louceiras de Remígio” da série Gente Viva (2011), do repórter Laerte Cerqueira, exibida pelas TVs Cabo Branco e Paraíba. O alvo da nossa atenção é identificar as características das etapas de produção, as contribuições, os percalços e também sugerir alguns cuidados a serem aplicados durante a produção.

Palavras-chave: Minimídias digitais; Jornalismo; Mobilidade; reportagens

Minimídias digitais, sociedade e mobilidade

Nas últimas décadas, o consumo da notícia adquiriu proporções gigantescas e a discussão em torno dos rumos da comunicação atingiu a esfera global, despertando olhares de estudiosos, empresários e profissionais da área. Esse campo em profusão caminha em paralelo ao avanço das novas tecnologias e usufrui das minimídias digitais e redes sem fio no processo da captação, formatação e veiculação do fato no extenso meio da comunicação.

As comunicações sem fio fazem parte da evolução histórica do país. Além de ser um dos primeiros a adotar o rádio e a televisão, foi no Brasil que as primeiras experiências de transmissões sem fio foram realizadas. (PELLANDA, 2009, p. 15)

De acordo com Carvalho (2008), meio de comunicação é compreendido como um fluxo de mensagens, e também, pode ser entendido como traslado de sentidos entre extremos com igualdades em distâncias. No entanto, o meio de

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

²Orientadora do trabalho. Prof.^a Dr.^a do Curso de Comunicação da UFPB, email: naddj@ig.com.br

³Especialista em Telejornalismo pela Faculdade FESP, email: mercicleide@hotmail.com



comunicação não pode ser visto apenas como uma extensão que conduz algo para um determinado lugar, ele vai, além disso. A autora cita como exemplo o meio celular que além de atuar como veículo de transmissão de voz é também apto a produzir conteúdos, reproduzir dados, armazenar informações, transmitir, organizar e conectar a internet. E, ainda, cita termos correlacionados à meio de comunicação, tais como: media, médium e mídia. A autora também nos ajuda a compreender o conceito de minimídia:

Atribuo, enfim, o conceito de minimídias a toda e qualquer mídia compacta, com tecnologia digital, seja produzida ou veiculada por celular, câmera fotográfica, webcam, jogos online, videogames, internet. A minimídia é um meio de comunicação de pequeno porte, convergente, pluriforme, variposicional, modelador de linguagens oprimidas, simultâneas e interativas. Sempre transportada por outro meio maior, seja a internet tradicional ou a internet móvel, ou ainda conduzida por uma mídia de massa (jornal, revista, rádio, televisão) na versão online, perfeitamente incorporada a formulações animadas do mobile marketing e da publicidade. (CARVALHO, 2008, p.7)

Ou seja, são mídias com uma estrutura física de pequeno porte que vivem em ambientes de convergência, e que podem ser utilizados como veículos de linguagens, dados, conteúdos e imagens. É o suporte visto em miniatura que tem a possibilidade de registrar e guardar a informação para que ela atinja seu destino de forma profusa e em estado móvel. Para Lúcia Santaella (2003), esse atual cenário vivido pela sociedade na era digital também pode ser chamado de cultura do acesso, onde a sociedade em qualquer espaço e a um simples click tem acesso à informação de forma rápida, volumosa e diversificada. A autora responsabiliza as redes de computadores e as telecomunicações como importantes protagonistas dessa história.

Não importa a distância, língua, religião, cor, classe social, gênero ou idade, o fato é: somos gestores, idealizadores e multiplicadores em conexão ativa durante vinte e quatro horas, onde no mesmo ritmo que consumimos os próprios produtos nas redes sociais também fazemos o mesmo vindo de terceiros. É vida em pura conexão e em ritmo acelerado onde dia e noite se fundem no mundo virtual. Para Pellanda estamos vivenciando um momento de desejos e descobertas de uma nova realidade.

A questão do todo tempo conectado em todo o lugar (always on) pode ser explicada, em parte, pelo desejo do ser humano estar conectado aos demais seres sociais. Não estar conectado pode significar estar excluído, fora do círculo de conversa, de um modo ou de todo um estilo de vida. Evidencia-se então a curiosidade humana de tentar estar em contato, estar na rede. (PELLANDA, 2008, p.4).

É uma “dependência” tecnológica que circula na sociedade e a cada hora faz novos aliados, provocando ações e reações peculiares que podem ser vistas em telas



ambulantes. Todo esse impulso é o reflexo direto das práticas sociais. Essas ações vêm sendo analisadas e diagnosticadas por estudiosos, pesquisadores e empresários do ramo da comunicação que acreditam na existência de um terreno fértil com uma longa estrada a ser percorrida.

O jornalismo e as novas tecnologias

Com a chegada do século XXI o mundo foi palco de transformações, descobertas, avanços e conquistas em diferentes segmentos que se entrelaçaram através da aldeia global. O setor tecnológico foi um dos que apresentou grandes progressos, principalmente relacionado ao campo das comunicações com o surgimento das plataformas digitais móveis, a expansão da internet, consolidação do espaço virtual e a proliferação ligeira das conexões sem fio. É um universo onde as relações humanas se estreitam e as dimensões geográficas se medem pela distância de um clique que tem a capacidade de unificar fronteiras entre os interiores e as capitais, entre as cidades e os estados, entre os países e os continentes.

Os jornalistas acompanham essas metamorfoses e alguns são conscientes da necessidade de adaptação a essa nova realidade. É perceptível, um processo de convergência entre as redações tradicionais e as redações online, onde ambas possuem o mesmo objetivo de noticiar o fato. Porém, com andamentos e linguagens um pouco distintas. “Onde a multiplicação de plataformas de distribuição de conteúdos reformula toda essa estrutura desde as funções básicas até o processo de distribuição”. (Silva, 2008).

As alterações no universo do jornalismo ocorrem na medida em que novas condições e necessidades são afloradas. É o tipo de profissão que enfrenta modificações durante toda sua existência.

Não é de hoje, portanto, que a função dos jornalistas se altera. Com a transformação dos átomos em bits, as coisas ficam mais complexas. Vemos de perto essa transição: repórteres multimídia, convergências, novas narrativas. (DEAK, 2010, p.32)

As mídias digitais começaram a ser utilizadas como mecanismos de captura de momentos sociais, como por exemplo: aniversários, encontro com os amigos, algo simples semelhante a uma brincadeira de criança curiosa com o novo brinquedo.

Em poucos anos os fabricantes lançaram no mercado da telefonia aparelhos mais sofisticados, com uma infinidade de modelos e funções de alta capacidade entre as



quais se encontra a câmera filmadora, isso fez com que, essas plataformas possibilitassem registros com melhor resolução e condições de captação em diversos ambientes. Logo, os pequenos aparelhos invadiram bolsos, pastas e salas de jornalistas e de redações, ambos antenados em uma produção mais ágil, acessível e próxima do acontecimento.

O jornalista ao estar munido de um celular, câmera fotográfica, tablet ou qualquer outro meio de registro de som e voz, tem grandes possibilidades de obter um furo de reportagem. Estamos diante de uma reportagem que apresenta uma linguagem que requer planos seletivos, textos breves, dinamicidade na ação, sonoras curtas, conteúdos que impressionem, e vários elementos que prendam a atenção do público. Invariavelmente surge uma linguagem jornalística mais compacta, ágil e adaptável a reportagens confeccionadas por celular 3G. É preciso conhecer suas especificidades pautadas na mobilidade, afinal, são matérias produzidas em trânsito onde a agilidade é exigida em todo momento.

Podemos dizer que o jornalismo ao se agregar a esses meios cria uma nova dinâmica de trabalho e se aproxima ainda mais do público. Lemos (2005), considera o celular como um “teletudo”, ou seja, uma ferramenta repleta de funções que provocam uma impactante mudança no cotidiano social e no mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que aumentam o volume e fluxo da emissão e recepção de conteúdo.

Lemos (2007) vai mais além, e o define como um dispositivo híbrido móvel de conexão multirredes (DHMCM), ou seja, é um aparelho da tecnologia da comunicação que aglomera diversas (híbridas) funções; é também portátil e com funcionamento via redes sem fio (conexão) e ainda agrega várias redes. Para Siqueira (2008), nenhum outro serviço ou avanço tecnológico tem apresentado expansão tão rápida em escala planetária.

Vale ressaltar, que mesmo com tanta facilidade ainda continuaremos precisando de pessoas que tenha a atitude de um jornalista. (GRADIM, 2000). E de preferência que esteja disposto a enfrentar os desafios desse jornalismo móvel, que certamente, farão eclodir comportamentos no trato com o factual e na exibição do mesmo.

Já é perceptível que essas novas mídias estão ocupando as redações e se multiplicando rapidamente dentro de bolsos que se movimentam por todos os lados. A notícia nasce na profusão de um meio e equaciona questões em esferas multifacetadas



do campo informativo; é o micro (celular) mergulhando no macro (ambiente) gerando resultados (notícias) com proporções vastas e plurais.

A partir daí, nasce à necessidade de reconfigurar o processo jornalístico para que ele alcance o maior percentual de público e potencialize suas estruturas, além, de oferecer ao profissional uma melhor preparação para que ele enfrente as complexidades que estão intrinsecamente incorporadas a uma produção mais complexa e dinâmica.

Para os novos profissionais que estão saindo das universidades, esse tipo de jornalismo é um tanto estimulante e desafiador. “Jornalismo é uma atitude: é ser curioso diante do mundo, é ser humilde para fazer perguntas e é ser transparente na divulgação da informação, revelando ao máximo todos os interesses envolvidos”. (Burgierman, 2010, p.29). Há muito a se discutir e compreender sobre esse assunto, ainda é cedo para levantar questionamentos oclusos sobre o futuro dessa nova produção que naturalmente exibirá desdobramentos, conquistas, conseqüências e adeptos.

Repórter Band Celular e Projeto “Gente Viva”

Em 2008, a TV Bandeirantes, lançou em seu telejornalismo a produção móvel e criou o Band Repórter Celular comandado pelo Pedro Mota. Um dos objetivos era de estar mais próximo dos factuais que circulavam na cidade e se diferenciar das outras emissoras.

Já na Paraíba, a TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, lançou o Projeto “Gente Viva” comandado pelo repórter Laerte Cerqueira. A série exibida em 2011 contava histórias de pequenos empreendedores que de forma simples enfrentavam os percalços da vida através de muito trabalho e criatividade.

Em março de 2009, Pedro Mota repórter da equipe de jornalismo da TV Bandeirantes, utiliza um celular Nokia N95 para registrar ao vivo um incêndio na fábrica de produtos químicos da Di-All Química Distribuidora, localizada na cidade de Diadema, em São Paulo, no estúdio o apresentador Luiz Datena interagia com o repórter através das imagens que surgia na tela de transmissão.

De início, iremos descrever a reportagem do Band Repórter Celular expondo observações a respeito de aspectos técnicos e de linguagem. Em estúdio, a primeira imagem (figura 1) que surge é captada pela equipe que sobrevoa os perímetros da região, dura poucos segundos, e logo aparece na tela (figura 2) as registradas pelo Pedro Mota que mostra o corpo de bombeiros tentando apagar as chamas com espuma química, o apresentador Luiz Datena comenta que a instalação da fábrica não deveria

ser próxima a residências e diz que o repórter está no local do acidente e registra tudo com um celular.

Através do link o apresentador chama ao vivo o repórter que começa a falar de suas primeiras impressões, uma delas, é do forte calor que se espalha rapidamente pela rua e gera uma sensação insuportável, ele também comenta que o lugar foi bloqueado e alguns moradores preferiram se ausentar de suas casas até o fogo ser controlado. O repórter revela que está a aproximadamente quarenta metros do local e que as chamas atingem mais de vinte metros de altura (figura 3), já é sentido o forte cheiro de queimado e nas mediações muitos curiosos (figura 4) acompanham o trabalho do corpo de bombeiros que enfrentam dificuldades para apagar o incêndio que é considerado de grande proporção.

Em seguida, com imagens na tela e em voz off o Datena diz que o Márcio Campos esta sobrevoando o local e de outro ponto exibe imagens que facilitam uma melhor compreensão sobre a grandiosidade do incêndio. Entra imagens (figura 5 e 6) são feitas pela equipe que está no helicóptero.



Figura 1 – Imagem do helicóptero



Figura 2 – Bombeiros apagam o fogo



Figura 3 – Altura do incêndio



Figura 4 – Curiosos no local



Figura 5 – Imagens do helicóptero

Figura 6 – Imagens do helicóptero

Explorando ainda mais, na figura 1, temos um plano geral e nele a visão de dezenas de casas, bem ao centro da imagem uma gigantesca concentração de fumaça sinaliza o grau do incêndio e suas perigosas conseqüências. “A utilização desse plano tem como objetivo proporcionar referência do local onde acontece ação, expondo de uma só vez várias informações do ocorrido”. (Rodrigues, 2010, p 28).

No primeiro instante o telespectador tem a curiosidade despertada e antes que ele tente mudar de canal já entra as imagens do celular e a fala ofegante do repórter. Um fato curioso é que em nenhum momento o repórter movimentava a câmera, a todo tempo ele permanece gravando a imagem dos bombeiros tentando controlar o fogo. Ele tem receio de movimentar o equipamento e perder algum fato curioso como uma nova explosão ou um vizinho desesperado saindo de casa.

Quando uma televisão faz uso de imagens feitas de celular, câmera fotográfica, e até mesmo câmeras de segurança é porque aquela notícia tem um elevado teor de importância e gravidade, o que se torna ponto bastante positivo para os jornais. O símbolo da TV com o nome ao vivo é visto no canto direito da tela na parte superior, o que reforça a ideia da instantaneidade e veracidade do caso; é o acontecimento sendo noticiado ao mesmo instante em que ocorre.

A imagem trêmula é percebida durante todo tempo e faz parte desse tipo de gravação. Para alguns, isso provoca desconforto na visão, já outros, consideram uma característica, afinal, a plataforma é carregada junto ao corpo e recebe naturalmente todos os impactos. O texto off não foi escrito na redação, ele foi criado no calor do momento e isso é considerado uma das principais características dessa produção móvel onde a linguagem prima pelas primeiras impressões, pela espontaneidade, naturalidade e breves palavras.

Em cartela a palavra plantão ganha destaque e bem ao lado um breve texto de apenas sete palavras revela que o incêndio ocorre em uma indústria química e que várias casas foram destruídas. Na (figura 3) o repórter se aproxima dos bombeiros e faz um plano americano (imagem é delimitada do joelho para cima), sem o uso do zoom com o intuito de preservar a qualidade da imagem, com esse enquadramento perdemos o pouco da visibilidade do fogo que fica entre os muros das casas. Sem esperar, ele é

surpreendido por curiosos que surgem em frente à imagem (figura 4) e durante segundos observam tudo.

As funções do repórter em situação móvel podem também agregar conseqüências porque as tecnologias móveis concentram num único equipamento ou em poucos dispositivos a possibilidade de realizar diversas tarefas (fotografar, gravar, editar textos, acessar internet para se pautar ou buscar informações para a matéria). Tudo isso, pode ser realizado por um único profissional modificando as rotinas produtivas tradicionais para rotinas que diferencem do habitual e da divisão do trabalho que prevalece na mídia de massa. (SILVA, 2007, p.6)

É uma situação que faz parte da rotina desse profissional e de tantos outros que constantemente são vítimas de situações complicadas e até mesmo embaraçosas, é interessante ter sempre uma solução inteligente para reverter o caso e não perder nenhum momento. A imagem (figura 5) é da equipe do Márcio Campos, nela há presença numerosa das moradias e quase ao centro da tela chamadas atraem a atenção do telespectador. A (figura 6) prima por um enquadramento mais fechado o intuito de evidenciar à espuma química que é jogada diretamente no fogo.

As figuras expostas acima representam um pequeno recorte da reportagem onde o profissional opta por planos abertos, com ausência de movimentos de câmera e de entrevistas, texto curto e linguagem de fácil compreensão. É notório que o trabalho dos dois jornalistas, o Pedro Mota e o Márcio Campos, se completam no mesmo instante em que une as duas mídias (celular e câmera filmadora) em um diálogo noticioso e móvel.

A segunda reportagem intitulada de “Louceiras de Remígio” tem aproximadamente três minutos de duração e faz parte da série “Gente Viva”, do Laerte Cerqueira, exibida em 2011 pela TV Cabo Branco (João Pessoa) e TV Paraíba (Campina Grande), afiliadas da Rede Globo. Nesse projeto o repórter fez uso da câmera filmadora e da câmera fotográfica digital Sony de 12 Megapixels, uma união entre dois dispositivos onde ambos possuem características e formas de manuseio distinto.

Do início até o término da reportagem são colocadas cenas gravadas com a câmera fotográfica, ao todo são contabilizadas nove inserções. Na edição optou-se por alterar a cor original para uma tonalidade sépia, esse processo de coloração é realizado em uma ilha de edição não linear. A proposta é de diferenciar esse tipo de registro e ao mesmo tempo orientar o olhar do telespectador para a imagem que foi captada pela câmera fotográfica.

Na abertura do vídeo (figura 01) o telespectador é informado sobre o tema que será tratado, esse esclarecimento ocorre por meio do plano geral que expõe o agitado movimento da feira. Na passagem o repórter comenta sobre a existência de pessoas que trabalham por melhores condições de vida. Em seguida, o nome das irmãs é mencionado e pela primeira vez temos a imagem captada pela câmera fotográfica que exhibe as louceiras no trabalho (figura 2).

Um fato interessante, é que a voz do Laerte Cerqueira também foi capturada pelo equipamento e de forma nítida temos uma queda na qualidade do áudio. Isso ocorre devido ao equipamento possuir apenas uma única entrada de som. Ou seja, a voz e o ruído do ambiente são gravados por um único canal interno, uma limitação da própria ferramenta que dificulta possíveis correções durante a fase de pós-produção. Essa baixa qualidade sonora pode ser interpretada como uma das características desse tipo de minimídia que tem como principal função o registro fotográfico.

No plano em contraplongée (figura 03) temos uma das irmãs moldando uma panela de barro. “A palavra plongée é de origem francesa e significa mergulho, no audiovisual esse termo é empregado ao plano em que a câmera filma o objeto de cima para baixo. Já o contraplongée refere-se ao oposto desse plano” (LUCENA, 2012).

O plano detalhe é usado na maioria das vezes para evidenciar objetos em cena considerados importantes para o contexto geral. No caso dessa reportagem o uso é feito na maioria das vezes em que aparece a confecção das louças (figura 04 e 4.1), por ter sido gravado com a minimídia esse plano torna-se uma escolha essencial para a visualização mais próxima da ação que é efetuada. O close (figura 05) é feito no processo de aproximação do equipamento ao rosto da entrevistada, essa é a forma mais indicada para esse tipo de plano, pois evita que a imagem ao ser expandida apresente queda na qualidade.

O uso do zoom parece ser mais cômodo para a ação, contudo, prejudica a imagem e evidencia os pixels na tela. Nos últimos segundos da reportagem é feito uma panorâmica horizontal gravada pela câmera fotográfica que expõe as louceiras cantando ao mesmo tempo em que exercem o trabalho (figura 05, 5.1 e 5.2).

As câmeras fotográficas e os celulares são de pequeno porte, leves e de fácil uso, o que colabora na movimentação. Além do mais, ela é carregada diretamente na mão sem auxílio de suporte, isso faz com que toda ação do corpo seja estendida para o aparelho. O interessante é optar por equipamentos que ofereçam a função de estabilização da imagem, um recurso já encontrado nos aparelhos mais modernos.



Nesse tipo de reportagem, é importante ter noções técnicas de enquadramento, iluminação, movimentos de câmera, ruídos, construção de texto e captação de entrevista, afinal, se concentra várias funções em um único equipamento onde muitas delas são executadas no mesmo ritmo de gravação da matéria.

Alguns cuidados devem ser tomados: um deles é não gravar com o entrevistado em contra luz, pois seu rosto perde nitidez diante da câmera e quem está em casa não consegue reconhecer quem fala. A não ser que a proposta seja de inibir a identificação do entrevistado, esse tipo de recurso é geralmente empregado quando se aborda assuntos de risco, a exemplo, de uma testemunha de um homicídio, seqüestro, violência sexual ou de um roubo. Planos mais fechados (plano médio, primeiro plano, close, detalhe) enriquecessem o material e se aproxima ainda mais do objeto em foco, é como se um olhar curioso garimpasse o terreno, metro por metro, a procura de riquezas no solo ou em busca do que é mais fértil.

No texto é interessante evitar frases longas, repetição de termos, palavras que gerem cacofonia, o melhor é optar por uma linguagem objetiva e pontual. Vale lembrar, que na transmissão de factuais, como a exemplo, a reportagem sobre o incêndio, toda informação é passada durante a cobertura, naturalmente a fala apresenta uma maior veracidade.

Não é necessário seguir a fórmula usada pela televisão onde a maioria das matérias seguem a estrutura linear de off, passagem e sonora. Esses componentes podem surgir em instantes distintos, com durações variadas e até mesmo não trazendo algum deles, tudo é questão de como e o que é noticiado. A flexibilidade na estruturação favorece um dinamismo agregado à liberdade oferecida pela ferramenta.

Rua é sinônimo de ruído, conversa, movimentação, tumulto, burburinho. Nas grandes cidades esses elementos são sentidos com mais intensidade e chegam a prejudicar a captação de uma sonora (depoimento do entrevistado). Para minimizar o problema o repórter deve procurar um ambiente mais silencioso nas mediações do fato. Também vale aproximar o equipamento até o entrevistado e solicitar que o mesmo fale em um tom um pouco mais alto para que o barulho do local não sobressaia sobre sua voz. Caso a matéria passe pelo processo de edição, o uso de legenda pode ser uma solução interessante.

Parece simples se apoderar de ferramentas como essas e sair gravando as ocorrências. Doce engano! Geralmente, quando o repórter vai a rua ele é orientado por uma pauta que foi idealizada por um produtor, e nela há marcações de entrevistados,



uma breve orientação do que deve ser feito e informações adicionais. Além disso, ele é acompanhado por uma equipe técnica que realiza a parte operacional. Nesse novo modelo, os desafios são bem maiores e o que seria uma equipe, de em média três pessoas (repórter, motorista e cinegrafista), torna-se uma “equipe”, de um único indivíduo gestor e mentor de tudo.

No decorrer da análise algumas contribuições foram diagnosticadas. A primeira aponta essas mídias móveis como protagonistas de novas práticas jornalísticas que resultam em significativos aprendizados para os profissionais que a executa, e favorecem a proliferação de conteúdos produzidos em mobilidade e acessados por híbridas redes. Uma segunda contribuição se refere ao volume de reportagens produzidas e exibidas nas mídias virtuais e tradicionais. É uma enxurrada de informação sendo noticiada em ritmo quase frenético e todo esse material acaba tendo uma validade muito curta.

Uma terceira e importante contribuição é vista pelo aspecto do impacto que o jornalismo vem enfrentando com o fortalecimento e expansão das novas tecnologias e conseqüentemente uma reconfiguração jornalística em escala mundial. Por fim, podemos ressaltar a abertura de um novo campo de atuação extremamente fértil e longe da inércia de uma mesa de redação.



Figura 01 – Feira de Remígio



Figura 02 – Produção da louça



Figura 03 – Plano contraplongée



Figura 04 – Plano detalhe





Figura 05 – Sentada no chão de barro



Figura5.1– Sentada no chão

Figura 5.2 – Sentada no chão de barro

Referências

Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

BURGIERMAN Denis R. **O que é Jornalismo?**

Novos Jornalistas: para entender o jornalismo de hoje. In: Gilmar Renato da Silva (Org). Ed.

Laranja Pontocom, p.62 -29. 2010. Disponível em:

<http://apontocom.files.wordpress.com/2012/06/ebook_novos_jornalistas.pdf>. Acesso em: 23 de maio. 2012.

CARVALHO, Nadja. **“Da telinha ao celular, pequenas mídias ditam um novo conceito”**. In: Culturas midiáticas. Revista semestral do PPGC. Ano 1, n.1, Julho/dezembro de 2008.

DEAK, André. **Muito além do papel e da tinta.**

Novos Jornalistas: para entender o jornalismo de hoje. In: Gilmar Renato da Silva (Org). Ed.

Laranja Pontocom, p.62 -29. 2010. Disponível em:

<http://apontocom.files.wordpress.com/2012/06/ebook_novos_jornalistas.pdf>. Acesso em: 23 de maio. 2012.

GRANDIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**. Covilhã: Instituto da Comunicação Social, 2000.

LEMONS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)**. Revista Comunicação Mídia e Consumo, v. 4, n. 10, jul., p. 23-40, 2007.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Conexão móvel no contexto brasileiro.**

Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. In: André Lemos, Fabio Josgrilberg (Org) - Salvador: EDUFBA, p 13-18, 2009.

Disponível em:

http://poscom.ufba.br/arquivos/livro_Comunicacao_Mobilidade_AndreLemos.pdf>. Acesso em: 10 de maio. 2012.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações.** In:

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal, p. 1- 9.



Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1727-1.pdf>>.
Acesso em: 19 de maio. 2012.

RODRIGUES, Cris. **O cinema e a produção:** para quem gosta, faz ou quer fazer cinema. 3.Ed.
Rio de Janeiro: Lamparia, 2010

SANTAELLA, Lúcia. “**Da cultura das mídias à cibercultura:** o advento do pós-humano”.
Revista Famecos, Porto Alegre, n.22, p.6, 2003. Disponível em: <
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>.
Acesso em: 15 de ago. 2012.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Para compreender o mundo digital.** 1. Ed. São Paulo: Globo, 2008.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo reconfigurado:** tecnologias móveis
e conexões sem fio na reportagem de campo. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,
2008, Natal, p 1- 13. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0652-1.pdf>>. Acesso em: 10 de
maio. 2012.

SILVA, Fernando Firmino da. **Tecnologias móveis na produção jornalística:** do circuito
alternativo ao mainstream. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - 5º
Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo, 2007, Sergipe, p 1 – 17. Disponível em:
<[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_.fernando_firmino_da_silva.p
df](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_.fernando_firmino_da_silva.pdf)>. Acesso em: 06 de jun. 2012.